

ZÉ DO TELHADO

H é l d e r C o s t a



14-2-40
24487

HÉLDER COSTA

Zé do Telhado

Versão para Jangada teatro / Lousada

Novembro 2004



“QUEM ROUBA UM PÃO, VAI PARA A PRISÃO...”

Imaginem que vivem num país qualquer.

Que, nesse país, há uma ditadura feroz sobre o povo. Isso quer dizer fome, miséria, medo, falsa alegria, falsa liberdade.

Um dia, por qualquer motivo – os processos revolucionários começaram sempre por acidentes que pareciam sem importância – o povo mexeu-se.

E agitou-se tanto que obrigou a saída de Ministros, discursos cheios de promessas, nova arrumação do Poder. Mas o povo continuou a mexer-se. Demais. Perigosamente.

E então, os discursos mudaram. Tornaram-se agressivos. Alertavam para o pecado. Ameaçavam com o perigo da guerra civil.

E o povo, sempre a crescer. Ocupando terras, queimando papelada dos impostos, ridicularizando descendentes das velhas Monarquias, desprezando os novos Senhores, hábeis, melífluos e insidiosos.

"Ah querem guerra?" – Vociferava quem manda – "pois, tê-la-ão".

E houve guerra.

Mas... – também acontece – o povo foi para a guerra. E, aldeia a aldeia, poço a poço, de serra a serra, foi avançando.

A grande cidade - linda, brilhante e apertada – não sabia que fazer.

Tinha Ministérios, polícias, canhões, ouro (ainda havia, sim senhor. Bem escondido, mas havia). Tinha a gente que mandava. Que mandava, em quem? O povo da cidade, (a gente que trabalhava), estava em revolta, alvoroçado... e, morrer por morrer, começava a escolher o campo desses bárbaros que vinham das planícies e das serras, estropiados, brutos, mal-educados, mas, ao fim e ao cabo, mais próximos dele do que essa gente que se passeava de carruagem e que o espirrava de lama quando galopava pelas ruas.

O Poder apanhou medo. Um medo de morte. Já não havia gente para comprar como polícias ou denunciadores, já não havia população para manobrar, e toda a escória social já estava organizada em milícias armadas, grupos para "manter a ordem", batalhões "divinos", etc.

Não havia outra saída. Acordo internacional para negócios e formação de uns "Aliados" que invadissem e "pacificassem" o país, massacre do povo, discursos inflamados sobre a Pátria e a subversão, e reforço do velho Poder. Mas, imaginem que essa guerra tinha sido tão dura, que no seio desse povo destruído e humilhado, as ideias (o que quer dizer, o mais importante), continuavam de pé? Com a "agravante", claro, de se adicionarem sentimentos de vingança.

E que essas ideias acabam por criar sectores revoltados e homens desesperados, dispostos a lutar contra o fatalismo da derrota, dispostos a tudo para salvar a pele. E que a única saída que descobrem, acaba por ser buscar o ouro onde os vencedores o esconderam.

Aqui têm, sem romance, nem exagero, o que se passou com o Zé do Telhado, camponês valente e corajoso que lutou pela Maria da Fonte, e se viu sem dinheiro, nem crédito, nem protecção, quando se achou no rol dos vencidos.

É evidente que o Zé do Telhado não é, nem pode ser exemplo para ninguém. O banditismo não transforma a sociedade, nem elimina injustiças.

Mas, quando o povo perde a paciência, e diz: "quem fazia aqui falta, era outro Zé do Telhado", isso deve querer dizer que esse ladrão generoso do século passado tinha, com certeza, uma política mais popular que os demagogos populistas, beatíficos e hipócritas que sobrevivem, como parasitas, do sangue e do esforço de quem trabalha.

Hélder Costa